

# O Mosteiro de Santa Maria de Seiça nos meados do século XIX \*

*Inês Pinto e Sílvio Gaspar*

## **Resumo**

Este trabalho resulta dos estudos que temos vindo a desenvolver sobre o Mosteiro de Santa Maria de Seiça, particularmente o corpo da Igreja, numa tentativa de compreender o espaço que os monges de Cister foram obrigados a abandonar, em 1834. Por ser um período ainda recente e que, no caso deste mosteiro, se encontra pouco estudado, ao olhar para este monumento muitas dúvidas se nos levantaram sobre o que teria acontecido a este cenóbio depois da saída forçada dos monges cistercienses que aqui habitavam.

Tendo por base o existente, elementos descritivos já conhecidos e bem como novos dados, nomeadamente actas da Junta de Paróquia, imagens datadas entre 1880 e 1950, inventários, entre outros, efectuámos uma reconstituição virtual, em 3D, de como poderia ter sido o Mosteiro de Santa Maria de Seiça, nos meados do século XIX, a qual é apresentada na parte final deste artigo.

## **Introdução**

A história da Ordem de Cister em Portugal está associada à da nossa própria nacionalidade. A sua importância na estruturação do reino de Portugal foi relevante, influenciando o desenvolvimento de um país, desde os aspectos económicos à formação de mentalidades, moldando assim a nossa identidade.

Um dos testemunhos dessa importância histórica, nomeadamente na região centro, é o Mosteiro de Santa Maria de Seiça, situado na freguesia de Paião, concelho de Figueira da Foz, junto

\* Artigo publicado na *Litorais – Revista de Estudos Figueirenses*, nº 13, Junho de 2012.  
Publicação da Associação Doutor Joaquim de Carvalho, Figueira da Foz.  
Dep. Legal 21 20 48/04. Impressão: Tipografia Cruz & Cardoso, Lda

à ribeira de Seiça, cuja referência mais antiga que se conhece data de 1162 (1). A área de influência deste mosteiro ultrapassou a do seu couto, mas com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, este cenóbio ficou à mercê do Homem, destinado à ruína e ao abandono, uma vez que não mais foi utilizado como local de culto. Tendo sido convertido numa unidade industrial descasque de arroz, durante o século XX, está actualmente abandonado, sem qualquer utilização.

Numa tentativa de o resgatar da destruição e de lhe dar um futuro, a Câmara Municipal da Figueira da Foz adquiriu-o em 2000 com a intenção de o dignificar e de o devolver à população, mas o elevado custo que a sua preservação implica, tornou-se um ónus demasiado elevado para a Autarquia, que se vê actualmente confrontada com a necessidade de garantir um futuro para este imóvel, de forma a evitar a sua ruína total.

A sua importância histórica e arquitectónica levou à sua classificação como Imóvel de Interesse Público, em 2002, através do Decreto nº 5/2002, de 19 de Fevereiro.

### **Um Mosteiro em Seiça: da fundação à reconstrução**

Como acontece com muitos espaços religiosos, também a história da fundação do Mosteiro de Santa Maria de Seiça é contada de geração em geração através de lendas, representadas num conjunto de telas que se encontram na Capela de Nossa Senhora de Seiça, a poucos metros de distância.



Quadro 1 – Criado de D. Afonso Henriques caindo do cavalo

Estando D. Afonso Henriques a passar algum tempo na zona da foz do Mondego, por motivos de saúde, ouviu falar de uma ermida situada em Seíça sobre a qual se contavam histórias de milagres. Sendo dedicada a Santa Maria, de quem era devoto,



Quadro 2 – Cura miraculosa do criado

decidiu conhecer esse local para nele orar. Mas quando estavam a chegar ao seu destino, um dos seus criados avista uma lebre e de imediato se põe a galope para perseguir a peça de caça. Com o entusiasmo da caçada não se apercebeu de uma raiz no meio do caminho, na qual o cavalo tropeça e cai desamparado, causando também a queda do criado, que morre de imediato em consequência do tombo violento.

Desolado, o monarca decide sepultar o criado na Capela de Nossa Senhora de Seíça, mas eis que, quando pousam o cadáver no chão, de imediato ele retorna à vida.

Maravilhado com o sucedido, no mesmo instante promete ao ermitão ali fundar um mosteiro dedicado à Virgem (2).

De facto, em 1175 D. Afonso Henriques concede carta de couto ao Mosteiro existente em Seíça, doando o couto de Barra a D. Pelágio Egas (ou Paio Egas) abade deste cenóbio e, em 1195, seu filho D. Sancho I doa este Mosteiro à Abadia de Santa Maria de Alcobaça(3). Esta filiação dava poderes e vantagens a Alcobaça, como o de escolher o abade, mas também deveres, como o de visitar Seíça pelo menos uma vez por ano(4).

Embora não tenhamos elementos suficientes que nos per-





Quadro 3 – Ermitão e o rei Dom Afonso Henriques que lhe promete fundar o Mosteiro de Santa Maria de Seixa.

mitam uma recriação de como seria o mosteiro medieval, nem tão pouco saber quando foi construído, existem algumas fontes documentais que nos ajudam a compreender a organização do espaço monástico e a vida daquela comunidade religiosa naquela época, nomeadamente um inventário do século XV e uma vistoria do século XVI.

Na sequência da instituição de D. Clemente para abade em Seixa, em 1408 foi realizado um inventário sobre este mosteiro através do qual percebemos que, para além da igreja, com um altar principal e cinco secundários, o edificado era composto por sacristia, livraria, adega, lagar de vinho, lagar de azeite, tulha, cozinha, casa do forno, despensa da carne, despensa do pão e do vinho, celeiro e câmara (que pelos objectos descritos crê-se ser a cela do abade)(5).

No século seguinte, em resposta ao pedido do Padre Carreira, religioso de Seixa, Fernão Ribeiro, emissário d'El Rei D. Manuel I, chegou ao Mosteiro de Santa Maria de Seixa no dia 5 Abril de 1513, para anunciar que o monarca decidira empreender reparos naquele cenóbio, o que agradou aos monges, os quais se encontravam sem abade e a passar por grandes dificuldades. O emissário tinha também o propósito de efectuar um levantamento exaustivo sobre o estado do mosteiro e das obras que eram necessárias. Depois de inspeccionar o edifício, no dia seguinte escreveu ao Rei dando conta das obras que seriam necessárias: a cozinha



devia ser construída junto ao refeitório, com nova amassaria e forno; a enfermaria estava arruinada, assim como a sala dos monges; a portaria e o celeiro estavam em ruína; o claustro necessitava de ser rebocado e não tinha água. Relativamente à Igreja era preciso dourar o altar da capela-mor; previa-se revestir as paredes com azulejos; abobadar o cruzeiro; lagear o corpo das naves que estava em terra batida; substituir o madeiramento da cobertura da nave; colocar grades de parede a parede para separar os monges dos leigos; efectuar reparações no coro e deslocamento dos órgãos para outro local; reparar a sala do capítulo, incluindo o seu ladrilhamento; proceder ao entaipamento de alguns vãos e colocação de vidraças noutros, para evitar a entrada de pássaros(6).

O século XVI foi um período conturbado para os monges de Seiça. Para além do mau estado de conservação do edifício, D. João III solicitou ao Papa a redução desta Abadia para o estatuto de vigararia, alegando estar localizada em lugar pouco habitado ou ermo, possuindo uma reduzida comunidade de monges(7), a qual viria a acontecer em 1544 (8). Por intervenção do Cardeal D. Henrique esta situação terminou em 1559 (9).

Com a criação da Congregação de S. Bernardo, em 1567, a Ordem de Cister adquire mais poder e autonomia em Portugal, tentando demonstrar o seu vigor, a sua capacidade organizativa e a sua autonomia através da reconstrução e da reformulação dos seus mosteiros.

### **O Mosteiro de Santa Maria de Seiça: da reconstrução à extinção**

No reinado de D. Sebastião o Cardeal D. Henrique manda fazer obras no Mosteiro de Santa Maria de Seiça, como se pode verificar na carta régia deste monarca, datada de 6 de Julho de 1572, na qual ordenava aos oficiais públicos dessa área que *"apenem e fação apenar e ir servir nas obras do dito Moesteiro que ora o Cardeal Iffante meu tio nelle manda fazer, todos os pedreiros, carpenteiros, cavouqueiros, servidores, carreiros e os mais officiães que forem necessarios para serviram nas ditas obras costringendo-os a isto com as pennas e da maneira que lhes bem parecer. E asy lhe será dada toda a cal, pedra, madeira e as maes acheguas e cousas que pera as ditas obras se ouver em mester, pagando-se tudo pollos preços e estado da terra. E asy poderão abrir pedreiras e fazer areeyro nos lugares em que se achar pedra e areya e fazer caminhos novos pera a dita pedra e areya se levar à obra pagando-se outrosy a seus*



Imagem 1 - Mosteiro de Santa Maria de Seiça

*donos a danificação e perda que em tudo se lhe fizer que será vista e avallada per pessoas de boa conciencia com juramento dos Santos Evangelhos (...)*" (10). A 11 de Julho de 1572 inicia-se assim a construção de um mosteiro inteiramente novo (11).

Numa primeira fase foram construídos os novos espaços regulares, os quais foram implantados a norte da Igreja. Nas *Deffinições da Ordem de Cister*, publicadas em 1593, o Mosteiro de Seiça é descrito da seguinte forma: "*Todo ho mosteiro he Daluenaria de pedra E cal muito forte, he grãde o Mosteiro Em si. E he de tre naues grades. ha Do méo he de oliuel, ho Cruzeyro he daboboda, não he lageada nem ladrilhada se não de terra*" (12).

Depois de concluído, o Mosteiro albergaria uma comunidade de quarenta monges, dezoito dos quais durante o decorrer das obras e os restantes chegariam depois de terminadas as obras (13) (De acordo com GUSMÃO, Artur Nobre de, op. cit., 1956, pp. 359). Embora actualmente o edifício só tenha um claustro, de acordo com o inventário efectuado em 1837 pelo Ministério das Finanças, teria dois claustros:

*"A caza do mosteiro que comprehende uma grande propriedade regular com dous claustros (...)"*, citado por PAGARÁ, Ana F. Martelo, op. cit., 2006, p. 706.

Em 1596 D. Filipe I confirma o alvará de D. Sebastião, permitindo a continuação das obras (14).

O piso térreo do edificado era constituído por cozinha, refeitório, celeiraria, casa do capítulo, celeiro, adega e mais oficinas, sendo o piso superior ocupado pelas celas dos dormitórios, casa da livraria e sala abacial. O edificado possuía também portaria, pátio, currais e cavalariças (15).

Apenas em 1672 se iniciam as obras de construção da nova igreja no espaço anteriormente ocupado pela Igreja primitiva (16).

A nova Igreja, de planta longitudinal nos eixos este/oeste, é composta por uma nave, de quatro tramos, para a qual se abrem capelas laterais, intercomunicantes. Os vãos são de volta perfeita, de dimensão rigorosamente igual e o falso transepto era abobadado no cruzeiro. Todas as coberturas são em abóboda de berço, sendo a nave segmentada por arcos torais, excepto o cruzeiro, coberto por cúpula e o nártex, com abóbodas de aresta. O presbitério era rectangular e o coro dos monges ocupava o primeiro tramo a poente do corpo da igreja, possuindo o dobro da profundidade, relativamente ao tramo, por se estender sobre o nártex. Os monges acediam ao coro através do piso superior do claustro, sendo o acesso à torre sineira do lado sul também por esse coro(17).

Depois da saída dos monges, em consequência da extinção das Ordens religiosas, em 1834, o Mosteiro de Santa Maria de Seíça ficou completamente ao abandono e à mercê das intempéries e do vandalismo.

### **O Mosteiro de Santa Maria de Seíça após 1834**

Ao longo de mais de século e meio, este cenóbio foi sofrendo às mãos dos Homens que nele apenas viam valor económico. Mas para se perceber o que se passou é preciso conhecer os motivos que levaram à sua devastação.

Por ser um período da história ainda recente e pouco estudado, ao olhar para este monumento muitas dúvidas se nos levantaram sobre o que teria acontecido a este mosteiro depois da saída forçada dos monges cistercienses que aqui habitavam.



Imagem 2 – Gravura sobre o Mosteiro de Santa Maria de Seíça publicada em Occidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro, nº 317, 11 Outubro 1887



Mais do que procurar compreender a gramática construtiva deste edifício, o nosso objectivo é procurar e dar a conhecer um pouco mais sobre o que terá acontecido a este Mosteiro desde a extinção das Ordens Religiosas até aos dias de hoje, com base em novos elementos e fontes recentemente encontradas: imagens recolhidas entre 1880 e 1950, bem como descrições existentes em documentos, nomeadamente actas da Junta de Paróquia, Academia de Belas Artes, entre outros.

Com o auxílio das novas tecnologias a Igreja do Mosteiro foi reconstituída virtualmente com o objectivo de melhor perceber as conclusões a que se chegou, embora mantendo o rigor que os indícios e as provas nos dão. Apesar de se conhecer o destino de algum do seu espólio, optou-se por não o incluir na reconstituição devido à falta de informação acerca do seu local original.

Após a extinção das ordens religiosas em Portugal, o património monástico foi nacionalizado. Consoante a importância que o edificado pudesse ter, assim lhe era atribuída uma nova funcionalidade. Valorizados como monumentos ou adequados para a instalação de escolas, quartéis militares, ou outros fins, alguns edifícios foram salvaguardados da venda, enquanto outros foram vendidos a particulares, que os transformaram em habitação, celeiros agrícolas ou unidades industriais. Outros ainda foram entregues às entidades municipais ou locais para o fim que melhor lhes aprobelesse.

No caso do Mosteiro de Santa Maria de Seça, o seu destino viria a ser ditado através da Carta de Lei emitida por D. Pedro V, a 22 de Fevereiro de 1861, a qual estabelecia, no Art. 1.º, que *"É o governo auctorizado a conceder á junta de parochia de Nosa Senhora do Ó do Paião a igreja em ruinas e pertencas do extincto convento de Ceça, para serem applicadas ás obras de que carece a igreja matriz"*, na sequência do pedido daquela Junta para fazer face às despesas que já no decorrer do séc. XIX tinham com as reparações constantes que era necessário realizar na Igreja Matriz do Paião.

Mas mal o povo recuperava dos impostos cobrados para obras, já novos restauros eram necessários(18). O mau estado desta Igreja levou a que fosse colocada a hipótese de transferir o culto para a Igreja do então extinto Mosteiro de Santa Maria de Seça, que se encontrava sem qualquer utilização, mas essa hipótese foi rejeitada por esta se situar num lugar ermo e muito distante das várias povoações(19).

A 11 de Janeiro de 1863 a Junta de Paróquia deliberou

chamar peritos para avaliarem as obras necessárias na Igreja Matriz, a qual se encontrava em avançado estado de degradação. Entre avanços e recuos sobre a construção ou não de uma nova Igreja Matriz, durante anos foram executadas obras de restauro na existente. Apenas em Fevereiro de 1896 tiveram início as obras destinadas à construção da actual Igreja Matriz (20):

A 24 de Maio de 1863 a Junta de Paróquia delibera ir a Seiça para ver se na igreja do Mosteiro existia algo que pudessem aproveitar ou vender(21), iniciando-se assim um processo que levou à destruição voluntária do cenóbio, com a apropriação de diversos materiais(22). Essa deslocação realizou-se no dia 7 de Junho de 1863(23) (Ver Doc. 2) e em 21 do mesmo mês é deliberado vender parte do espólio da Igreja do Mosteiro a 15 de Agosto desse ano (24).

Entretanto o estado de degradação do Mosteiro ia aumentando, como se verifica através da Acta de 14 de Outubro de 1864 (25). A 14 de Maio de 1871 é deliberada a demolição da sacristia do lado sul e o gigante de pedra que fica do mesmo lado, para com a pedra se tapar o cemitério e o adro da igreja matriz, a qual é rematada a 21 do mesmo mês (26).

No entanto, a atitude de pura destruição do Mosteiro de Santa Maria de Seiça promovida pela Junta da Paróquia de Nossa Senhora do Ó do Paião não era bem vista nem mesmo pela própria Igreja, que considerava aquele um "*templo magestíssimo, um dos primeiros do Bispado pela sua vastidão e obras de arte riquíssimas*" (27).

Em 1880 o estado de conservação do Mosteiro é bastante gravoso, conforme relatam dois membros da Academia Real das Belas Artes de Lisboa(28) e em 1888, com a construção do troço de caminho de ferro da Linha do Oeste, entre Figueira da Foz e Leiria, deu-se mais um duro golpe na estrutura da Igreja do Mosteiro.

Ao passar a escassos metros, a construção da linha férrea obrigou à demolição das estruturas subsistentes do presbitério e do falso transepto (29), as quais, de acordo com a planta seguinte, se encontram afectadas pela zona de protecção da Linha do Oeste.

A 29 de Dezembro de 1895 a Junta da Paróquia vende *as ruínas da igreja e o terreno sobre que assentem as sacristias já demolidas* (30) a Manoel Marques Leitão. Após esta compra Manoel Leitão vem a adquirir toda a restante propriedade contígua ao extinto mosteiro, a qual vende em 1911, juntamente com o que adquiriu à Junta da Paróquia em 1895, a Joaquim dos Santos Carriço (31).

As características do edifício, nomeadamente o pé direito



da Igreja(32), a proximidade com a linha do Oeste bem como o abastecimento de água, assegurado pela ribeira de Seiça, foram decisivos para a instalação de uma unidade industrial de descasque de arroz nas ruínas do mosteiro, a qual funcionou até 1976 (33).

Devoluto desde o encerramento da unidade fabril e dotado ao abandono, o que subsiste do mosteiro de Santa Maria de Seiça encontra-se actualmente em avançado estado de ruína. Remanescem a igreja, amputada em metade do seu tamanho e sem a abóbada da nave, as alas norte e poente do claustro sul, os espaços destinados à portaria e hospedaria, parte das celas do dormitório do primeiro piso, o corpo respeitante à cozinha, e refeitório, também amputado em parte, para nascente e ainda parte do segundo claustro.

Com a intenção de lhe dar um novo destino que não fosse o abandono, a 24 de Julho de 2000 a Câmara Municipal da Figueira da Foz assina um contrato de promessa de compra e venda do Mosteiro com António Carriço, um dos proprietários. Desde a sua aquisição, cuja escritura de compra e venda ocorreu a 9 de Março de 2004, que a Autarquia tenta encontrar a melhor solução para evitar a perda daquele património, mas o seu estado de degradação implica um avultado custo que uma recuperação poderá representar.

### **Reconstituição virtual da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Seiça nos meados do século XIX**

Tentar compreender como seria a Igreja do Mosteiro no seu todo, com base nas vagas descrições existentes sobre esta edificação, de alguns estudos já realizados sobre o existente (34), bem como do levantamento efectuado pela Direcção Geral de Monumentos e Edifícios (imagem 4), foi o objectivo de um estudo que culminou na descoberta de novos elementos que vieram ajudar a compreender melhor a morfologia desta edificação.

Partindo da reconstituição das edificações existentes (imagens 5 e 6), da análise de imagens do Mosteiro de Santa Maria de Seiça anteriores a 1900 onde ainda é visível praticamente todo o corpo da Igreja (imagens 8 e 9), de evidências na construção subsistente (imagem 7), bem como de imagens de ângulos e pormenores até agora desconhecidos (imagens 10 e 11), onde ainda é possível reconhecer partes da capela-mor e da cúpula, foi possível corroborar algumas teorias que até ao momento não estavam confirmadas.

Quanto à capela-mor, analisando a imagem 11, verifica-se que o piso era elevado à altura de três degraus, relativamente à



nave principal da Igreja, assim como a existência de quatro janelas, na parede sul, o que, de algum modo, se assemelha à capela-mor do Mosteiro de São João de Tarouca (imagem 14), também cisterciense.

Relativamente à cúpula, surgiram dúvidas quanto ao tipo de cobertura que teria, pois encontramos algumas imagens com a cobertura abobadada e outras com cobertura através de um telhado de quatro águas. Depois de analisadas as diversas imagens em que as mesmas são visíveis (imagens 2, 8 e 10), pensa-se que a cobertura inicial seria abobadada (imagens 8, 10 e 16), revestida com placas de barro, trilobadas, esmaltadas, em azul(35) (imagem 13) e por telhas (imagem 12), a qual, por motivo de infiltração ou outro desconhecido, possa posteriormente ter recebido uma cobertura em telhado de quatro águas (conforme imagens 2, 15, 17, 18 e 21).

Se, por um lado, se encontraram evidências e imagens relativas ao tipo de cobertura da cúpula, por outro, a existência de janelas no zimbório (imagens 2, 8 e 10) sugerem um sistema de iluminação indirecto, possivelmente através de tambor (conforme imagem 23), com janelas, à semelhança do existente na cúpula da Igreja do Mosteiro de Lorvão (imagem 19).

### **Conclusão**

A reconstituição da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Seixa, em 3D, foi fundamental para se perceber a conjugação dos diversos elementos, nomeadamente os já conhecidos com os entretanto descobertos. Mas, embora a descoberta de novas informações tenha vindo esclarecer algumas dúvidas existentes, assim como confirmar algumas teorias, por outro lado, levantaram novas dúvidas, as quais poderão vir a ser esclarecidas através de uma análise mais próxima do edifício, de estudos arqueológicos, de fotogrametria, entre outros.

O facto de ainda haver muita documentação por analisar nos diversos Arquivos do nosso país, a qual vai sendo tratada e disponibilizada, poderá vir a trazer à luz, num futuro próximo, novos elementos que venham esclarecer as dúvidas aqui levantadas e outras que venham a surgir.

Acções de esclarecimento e de troca de ideias, como o Colóquio que decorreu nos dias 7 e 8 de Julho, na Figueira da Foz, subordinado ao tema "Mosteiro de Santa Maria de Seixa: Abordagens e Perspectivas" são fundamentais para um conhecimento mais aprofundado acerca do Mosteiro de Santa Maria de Seixa.

## IMAGENS

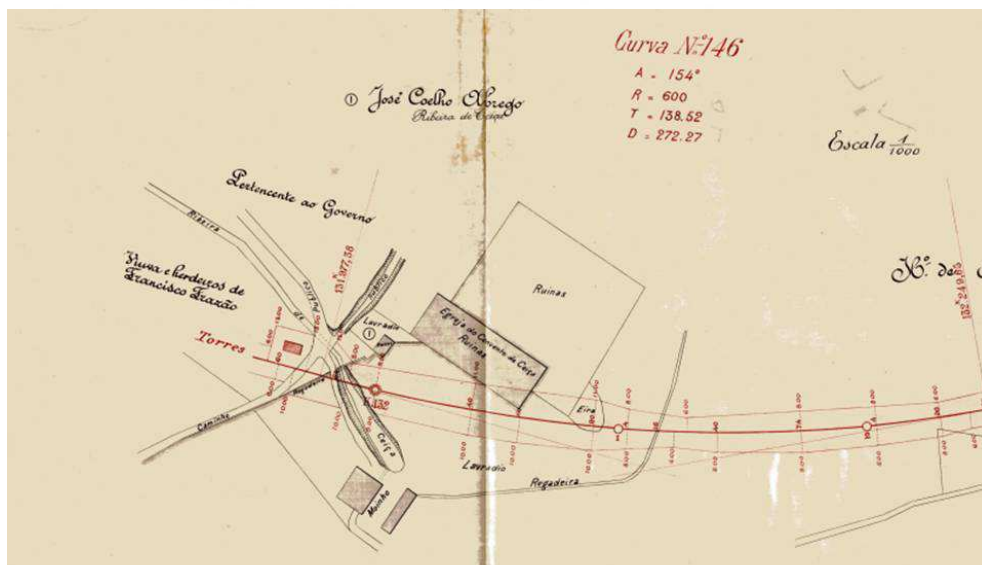


Imagem 3 – Pormenor da Planta de Implantação do Troço da Linha do Oeste, na zona do Mosteiro de Seiça (datada de 29 Abril de 1886). Fundo arquivístico da Direcção Fiscal de Exploração dos Caminhos de Ferro – Centro Nacional de Documentação Ferroviária

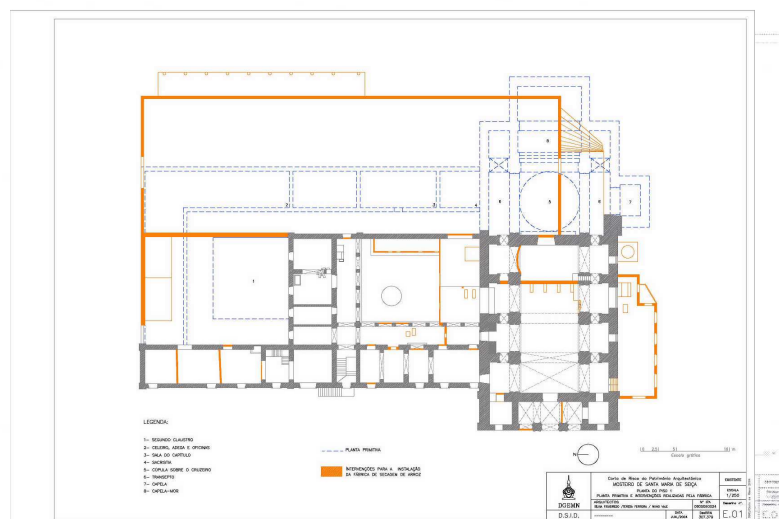


Imagem 4 – Carta de Risco do Património Arquitectónico – Mosteiro de Santa Maria de Seiça – Planta do Piso 1 DGEMN / DSID



Imagem 5 – Reconstituição das edificações existentes do Mosteiro de Santa Maria de Seixa



Imagem 6 – Reconstituição do existente sobre imagem aérea, com base na Carta de Risco do Património – Mosteiro de Santa Maria de Seixa – DGEMN





Imagem 7 – Pormenor do arranque da abóbada do cruzeiro do transepto, vista de Este. Fundo da Casa Havaneza.



Imagem 8 – Vista do Mosteiro de Santa Maria de Seiça  
Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz, Autor desconhecido (s/d)



Imagem 9 – Fachada do Mosteiro de Santa Maria de Seça  
Autor desconhecido (anterior a 1934) – gentilmente cedida por  
Maria Rosa Anttonen

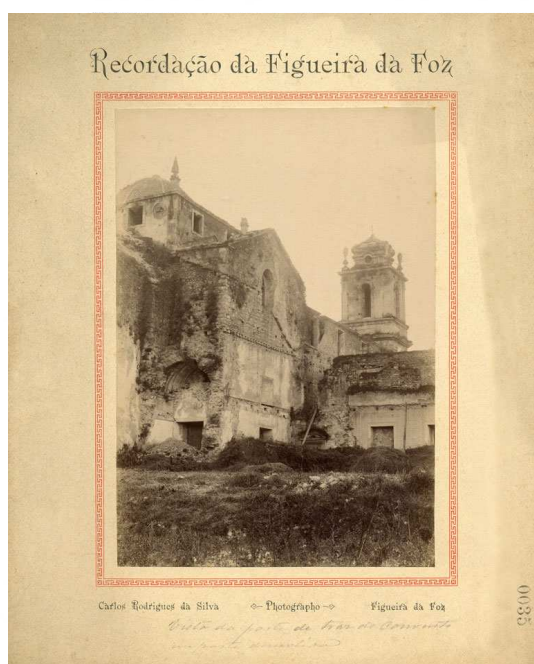


Imagem 10 – Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Seça, vista de Este  
para Oeste.  
Museu Nacional de Arte Antiga, Carlos Rodrigues da Silva (s/d), Divisão de  
Documentação Fotográfica – Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.

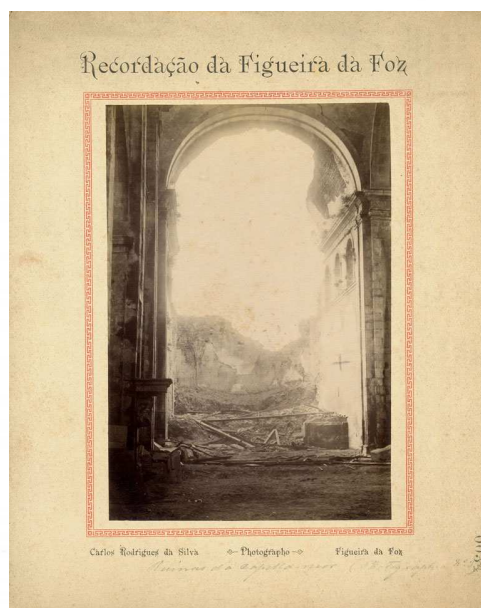


Imagem 11 - Capela-Mor da Igreja do Mosteiro de Stª Mª de Seça  
Museu Nacional de Arte Antiga, Carlos Rodrigues da Silva (s/d), Divisão  
de Documentação Fotográfica – Instituto dos Museus e da Conservação,  
I.P.



Imagem 12 – Fragmentos de telhas provenientes do Mosteiro de Santa  
Maria de Seça – Museu Municipal Santos Rocha





Imagem 13 – Capela-Mor do Mosteiro de São João de Tarouca, Sílvio Gaspar, 2010



Imagem 14 – Placas em barro, trilobada, esmaltada, azul, provenientes do Mosteiro de Santa Maria de Seiça – Museu Municipal Santos Rocha



Imagem 15 – Reconstituição do Mosteiro de Santa Maria de Seça – vista do lado Sul



Imagem 16 – Reconstituição do Mosteiro de Santa Maria de Seça – Cúpula com cobertura abobadada





Imagem 17 – Reconstituição do Mosteiro de Santa Maria de Seça – vista do lado Este



Imagem 18 – Reconstituição do Mosteiro de Santa Maria de Seça – vista do lado Norte





Imagem 19 – Pormenor da abóbada da Igreja do Mosteiro de Lorvão, Sílvio Gaspar, 2010

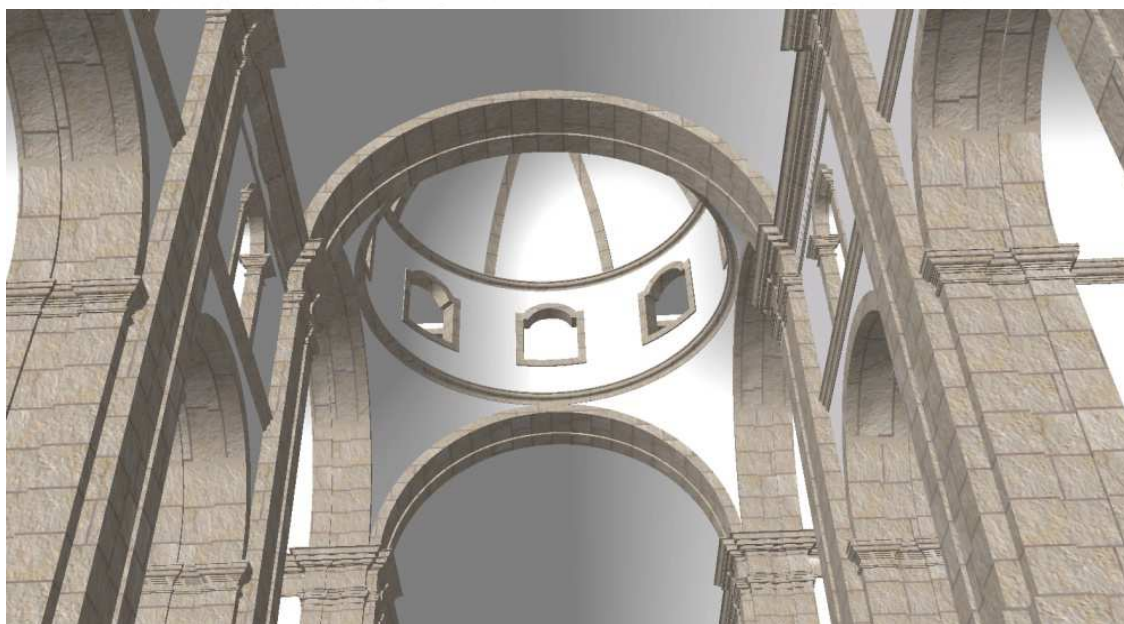


Imagem 20 – Interior da Igreja do Mosteiro de Seixa – Cruzeiro do transepto com Tambor



Imagem 21 – Corte do interior da Igreja do Mosteiro de Seiça – pormenor da cúpula em tambor, com cobertura de telhado de quatro águas



Imagem 22 – Corte do interior da Igreja do Mosteiro de Seiça – pormenor da cúpula em varandim, com cobertura abobadada



Imagem 23 – Corte do interior da Igreja do Mosteiro de Seiça – cúpula em tambor



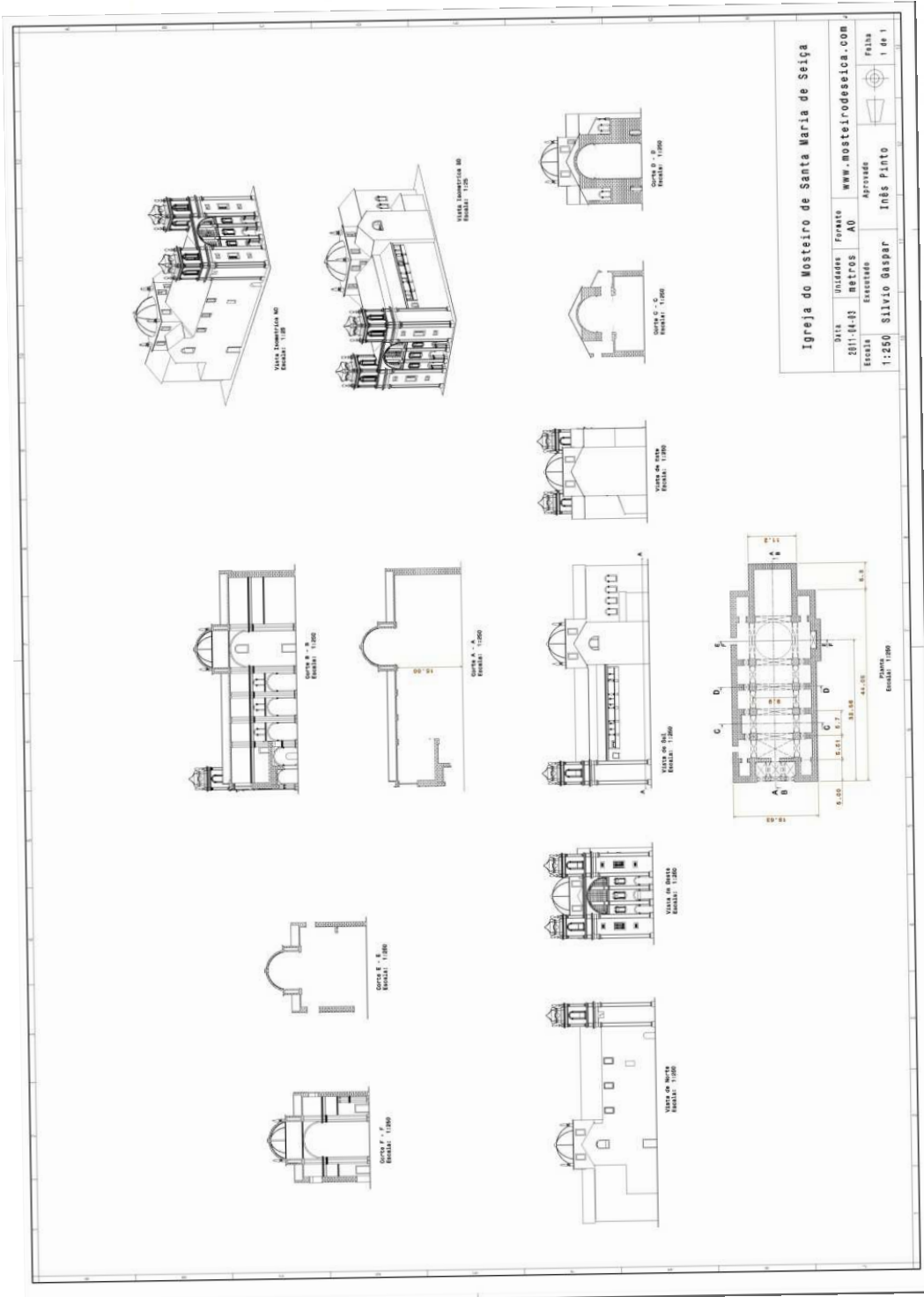


Imagem 24 – Plantas, alçados e cortes da reconstrução da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Seiça

## DOCUMENTOS ANEXOS

### **Doc. 1 – Acta da Junta de Paróquia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Ó do Paião, de 24 de Maio de 1863, fl. 23**

Junta de Freguesia de Paião

Acta de reunião da Junta de Parochia da Freguesia de N. S. do Ó do Paião em que se deliberou o ir a Ceiça

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e sessenta e tres aos vinte e quatro dias do mes de Maio do dito anno, na Salla das Sessões da Junta de Parochia da Freguesia do Paião, onde se reunio o Prezidente, e mais Vogaes abaixo assignados. E logo pelo Vogal Lourenço Assalino foi dito, que os Peritos Pedreiro e Carpinteiro em breve virião para ver e examinar as obras que esta Igreja precisa, e que era conveniente que os Membros desta Junta fossem á Igreja de Ceiça afim de ver e examenar, o que nella existia, e tivesse applicação, ou podesse render dinheiro para ajuda da obra da Igreja Matriz do Paião. E de tudo para constar mandou elle Prezidente lavrar esta Acta. E eu José dos Santos Secretario da Junta o subscrevi.

O Prezidente João Cardoso Pinheiro

O Vogal Lourenço Assalino

O Vogal Luiz Bernardes Coelho

O Vogal Francisco da Costa Duarte

O Vogal Manoel da Costa Duarte

### **Doc. 2 – Acta da Junta de Paróquia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Ó do Paião, de 7 de Junho de 1863, fl. 23-23v.**

Junta de Freguesia de Paião

Acta de reunião da Junta de Parochia da Freguesia de N. S. do Ó do Paião

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitocentos e sessenta e tres aos sette dias do mes de Junho do dito anno, na Salla das Sessões da Junta de Parochia do Paião, onde se reunio o Prezidente e mais Vogaes abaixo assignados. Pelo Prezidente e mais Vogaes foi dito que indo à Igreja do extinto Convento de Ceiça observarão, o que na mesma existia, e acharão todo o interior da mesma já desguarnecido, com hum Altar completo chamado o do Senhor morto, a Sepa do Altar Mor que é de Pedra com sua Tribuna já alguma couza desguarnecida, o forro que cubria o Trono arruinado, em varias partes, as Lages do Pavimento da Igreja com algumas partes arrancadas incluindo a lizonja; alguma arrancada e outra cobrada, a Sachristia com uma Pedra do Pavimento arrancado, e outra faltada, o Coro desguarnecido, a Caza que corria com o Orgão, debaixo da Torre com o Ladrilho arrancado, e faltado entre as duas escadas que ali há; faltando o Ladrilho do Patamal da primeira Escada e das, digo faltando o Ladrilho que ao simo da Escada que vai para o Coro e Torre, havia; assim como o que havia em seguida da outra pequena Escada para o Orgão; a Varanda desguarnecida, e o Telhado em

estado de ruína. E para constar mandarão lavrar esta Acta. E eu José dos Santos Secretario da Junta o subscrevi.

O Prezidente João Cardoso Pinheiro

O Vogal Lourenço Assalino

O Vogal Luiz Bernardes Coelho

Francisco da Costa Duarte

Manoel da Costa Duarte

**Doc. 3 – Relatório sobre o exame feito nos Mosteiros de Seiça e Lorrvão para examinar os objectos de merecimento artístico existentes no primeiro bem como um baixo relevo no segundo, de Alfredo Andrade e Francisco Rangel Lima, Academia Real das Belas Artes de Lisboa, Lisboa, 1880, 15 de Março, transcrito por, Mesquita de FIGUEIREDO, em *Documentos para a História do actual concelho da Figueira, Foz do Mondego*, (manuscrito), Livro 16, fl. 316-319**

Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás

(...) O mais notável do convento é um claustro de pequenas dimensões em boas colunas, e em melhor estado de conservação do que o restante edificio. A igreja tem grandiosa fachada sofrivelmente conservada, e no interior é de uma só nave em forma de cruz latina, com capelas reentrantes. (...) Parte da abóbada do coro está no chão, toda a magnífica obra de talha dourada do altar-mor e que foi uma peça riquíssima de dimensões colossaes vê-se aos montes pela igreja como lenha para queimar; os altares à excepção de um, foram todos arrancados; das duas grandes composições pintadas em azulejos, que ornavam os lados da capela-mor uma está em parte mutilada e os seus restos espalhados pelo chão entre o matagal que ali vai crescendo todos os dias, a outra talvez porque está menos exposta às intempéries, só tem por enquanto pequenos estragos, mas não tardará em cair completamente se mão caridosa a não salvar.

Embora vissemos aquellas composições de longe, porque difficil foi chegar ao coro e impossível se tornou entrarmos no pavimento inferior do templo, podemos afiançar que tão magníficos exemplares da arte dos azulejos em Portugal, no seculo passado, e de dimensões não comuns. (...) Huquanto ao retábulo, fomos encontralo como V. Excia nos dissera, arrancado da parede e com as diversas peças que o cumpoem todas desligadas. (...)

**Doc. 4 – Auto de arrematação de 29 de Dezembro de 1895**

Junta de Freguesia de Paião

Auto de arrematação

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos noventa e cinco, aos vinte e nove dias do mez de dezembro, no adro da egreja do extincto mosteiro de Ceiça d'esta freguesia de Paião, concelho da Figueira da Foz, districto de Coimbra, reuniu-se a Junta de parochia d'esta mesma freguesia, achando-se presentes o seu presidente José Casaleiro Pratas e os vogaes Francisco Rodrigues França da Cruz, José de Mesquita, José Moreira Bento e Francisco



Antonio das Neves, a fim de proceder a venda das ruínas da referida igreja, como havia deliberado na sua sessão de vinte e cinco do mez de Novembro ultimo, e para o que se achava autorisada pela carta de lei de 22 de Fevereiro de 1861 e pela Commisão districtal em um acordão, pelo qual approvou o orçamento supplementar do corrente anno. Sendo onze horas da manhã, e achando-se reunidas muitas pessoas no local indicado foram, na presença d'ellas, lidas pelo presidente as condições de arrematação, que são as seguintes:

- Da venda é excluída uma das imagens e respectivo nicho (à escolha da Junta de parochia), que se acham no frontespicio da igreja, e bem assim todo o lageamento, que forma o pavimento. A venda comprehende as ruínas da igreja e o terreno sobre que assentem as sacristias já demolidas. O arrematante entrará no cofre da Junta com a importância da arrematação no prazo de oito dias, a contar do dia da arrematação. O arrematante pagará o sello devido pelo auto da arrematação. A base da lecitão é de quinhentos mil reis. – Em seguida o proprio presidente, na falta de pergoeiro, começou os pergões do estylo, que se porlongaram por espaço d'uma hora, durante a qual apenas recebeu o lanço de quinhentos mil e quinhentos reis, que foi offerecido peo Commendador Manoel Marques Leitão, casado, comerciante estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, dos estados unidos do Brasil, e actualmente morador no logar do Paião, d'esta freguesia; e decorrido ainda algum tempo, como não houvesse mais quem lançasse, a Junta deliberou acceitar o lanço offerecido e arrematar as mencionadas ruinas da igreja do extincto mosteiro de Ceiça, com as condições mencionadas, ao dito Commendador, que, achando-se presente, ratificou o lanço, obrigando-se a entrar no cofre da Junta, no prazo indicado nas condições, com a referida quantia de quinhentos mil e quinhentos reis, de o que se lavrou este auto, que, depois de lido, vae ser assignado pela Junta de parochia, pelo arrematante e pelas testemunhas presentes à arrematação Manoel Jorge Duarte, casado, proprietário e morador no logar de Paião, desta freguesia, e Manoel Rodrigues da Costa, da freguesia de Lavos. E eu José de Mesquita, secretario da junta de parochia, o subscrevi e assigno.

(assinaturas sobre selo de 1000 reis)

O presidente José Casaleiro Pratas, Francisco Rodrigues França da Cruz, José de Mesquita, José Moreira Bento, Francisco Antonio das Neves, (assinatura ilegível)

(fora do selo) Manoel Marques Leitão, Manoel Rodrigues da Costa, Manoel Jorge Duarte.

## NOTAS

(1) O abade Martinho encontra-se presente na outorga da carta de isenção dos direitos episcopais dada aos Crúzios, pelo Bispo D. Miguel Salomão. VENTURA, Leontina, FARIA, Ana Santiago, *Livro Santo de Santa Cruz*, p. 101. António Pereira, no trabalho de seminário da licenciatura em História, levanta a hipótese da fundação de um Mosteiro em Seiça ser anterior a 1143; veja-se PEREIRA, António José da Silva Fernandes, *O mosteiro de Santa Maria de Seiça (da fundação ao séc. XIV)*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, policopiado, 2003, pp. 15-16.

(2) Sobre este assunto veja-se, por exemplo, CINTRÃO, Manuel da Costa, *Marinha das Ondas na História e na Lenda*, ed. da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Figueira da Foz, Julho 1988, p. 25; PEREIRA, António, ob. cit., 2003, pp. 12-14; SILVA, Eurico, *Convento de Seiça – memórias*, ed. da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Figueira da Foz, 1999, p. 7-11.

(3) Por ser um mosteiro de fundação régia, ao longo dos séculos foi recebendo doações, privilégios e protecções dos diversos monarcas, nomeadamente durante a primeira e a segunda dinastia. No seu estudo sobre o Mosteiro de Santa Maria de Seiça, António Pereira descreve as diversas acções régias a favor do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, durante a primeira dinastia, através de doações, privilégios e protecções reais. PEREIRA, António, ob. cit., 2003, pp. 23-26. Sobre este assunto veja-se também MADAHIL, António Gomes da Rocha, “Documentos Medievais de Seiça certificados por Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo”, Separata da *Revista Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 37-82.

(4) Sobre este assunto veja-se MARQUES, Maria Alegria, *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª edição, Lisboa, Maio 2008, pp. 239-240.

(5) Sobre este assunto veja-se o capítulo “Bens de dois mosteiros cistercienses no séc. XV – Santa Maria de Seiça e Santa Maria de Bouro”, em MARQUES, Maria Alegria, *op. cit.*, 2008, pp. 239-274, no qual a autora analisa detalhadamente o inventário de 1408.

(6) Sobre este assunto veja-se PAGARÁ, Ana F. Martelo, “Mosteiro de Santa Maria de Seiça (Portugal): História e Arquitectura”, AAVV, *Actas do III Congreso Internacional sobre El Cister en Galicia y en Portugal*, Tomo I, Ourense, 2006, pp. 709-716 e 725-727.

(7) D. João III solicitou a redução das Abadias de Salzedas, Tarouca e Seiça ao estatuto de vigararias paroquiais. Sobre este assunto veja-se GOMES; Saul, “A Congregação Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça nos séculos XVI e XVII: elementos para o seu conhecimento”, *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2ª S. 18, 2006, pp. 375-431, pp. 388-389. De acordo com COCHERIL, Maur, *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris: Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 2ª edição, p. 243. Por volta de 1530 o Mosteiro de Santa Maria de Seiça contava com 16 monges e 2 conversos, aos quais se tinham vindo juntar

11 monges e 5 conversos, anos antes, vindos de Alcobaça.

(8) Saul Gomes, *op. cit.*, 2006, refere que, “No caso de Seiça, o rei pretendia financiar, com as suas rendas, a edificação de um novo mosteiro da Ordem de Cristo, em Carnide (...)”, p. 388-389.

(9) GOMES, Saul, *op. cit.*, 2006, p. 389.

(10) Documento existente no A.N.T.T. – *Mosteiro de Seiça*, M. 1, Doc. 18, citado em GOMES, Saul, *op. cit.*, 2006, p. 408, nota 123. Este documento encontra-se transcrito por Ana F. Martelo PAGARA, *op. cit.*, 2006, DOC. 3, p. 728.

(11) De acordo com uma nota avulsa no Códice CXLVI/62 alcobacense, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, citada por GUSMÃO, Artur Nobre de, *A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal*, Lisboa, 1956, pp. 359, “Aos omze dias de Julho sendo dia da trasladação de nosso Pe. S. Bento se começarão as obras de Ceiça novas do mosteiro... pera ho norte. 1572”. Também Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, em “*Noticia Histórica, Genealógica e corografica do Prodigioso Milagre de N. Senhora do Pranto, cita na sua ermida ao logar do Pedrogão da freguesia da Vinha da Rainha, termo da Villa de Montemor-o-Velho, Bispado de Coimbra*” (Biblioteca Nacional – Fundo Antigo, COD. 190), fl. 49, refere que, num pergaminho existente no Mosteiro de Santa Maria de Seiça, estava escrito que aos quinze dias de Junho de 1572 se começaram a abrir os alicerces para as oficinas deste Mosteiro de Ceiça, para a banda Norte, por mandado do Cardeal Infante D. Henrique.

(12) Citado por GUSMÃO, Artur Nobre de, *op. cit.*, 1956, p. 359-360

(13) De acordo com GUSMÃO, Artur Nobre de, *op. cit.*, 1956, pp. 359. Embora actualmente o edifício só tenha um claustro, de acordo com o inventário efectuado em 1837 pelo Ministério das Finanças, teria dois claustros: “*A каза do mosteiro que comprehende uma grande propriedade regular com dous claustros (...)*”, citado por PAGARÁ, Ana F. Martelo, *op. cit.*, 2006, p. 706.

(14) De acordo com a observação no DOC. 3, p. 728, de PAGARÁ, Ana F. Martelo, *op. cit.*, 2006.

(15) De acordo com as descrições constantes do Inventário efectuado em 1837 pelo Ministério das Finanças, (ver nota 13) e com a “*Discripção do Mosteiro de Ceiça que foi pertencente aos extintos Frades Bernardos, sua cerca e mais propriedades, que lhes pertencem, e de seus rendimentos, atto afim do prez.te anno d’ 1834.*” (Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz, Inventários dos Bens Culturais do concelho).

(16) De acordo com uma nota avulsa existente num códice de Alcobaça, no “*anno de 1672 se derrubou a Igreja velha e deu principio a nova*”. GUSMÃO, Artur Nobre de, *op. cit.*, 1956, p. 359.

(17) PAGARÁ, Ana F. Martelo, *op. cit.*, 2006, pp. 719-721.

(18) SILVA, Eurico, *A Igreja do Paião – 100 anos* Fábrica da Igreja do Paião, 2002, p.

(19) SILVA, Eurico, *op. cit.*, 2002, p. 23-24

(20) A Igreja Matriz da Freguesia do Paião é o maior templo do concelho da Figueira da Foz e o segundo da diocese de Coimbra, imediatamente a seguir à Sé Nova de Coimbra. Eurico Silva, *op. cit.*, 2002, p. 71.



(21) PRATAS, José Casaleiro, “Elementos para a História Eclesiástica da Freguesia do Paião”, in Separata do *Álbum Figueirense*, Tipografia Popular, Figueira da Foz, 1936, pp. 20, 21. Ver também Doc. 1.

(22) PAGARÁ, Ana F. Martelo, *op. cit.*, 2006, p. 706.

(23) Ver Doc. 2.

(24) 21 de Junho de 1863 a Junta de Paróquia delibera o seguinte anúncio: *A Junta da Paróquia da Freguesia do Paião faz público que no dia quinze de Agosto próximo, de manhã, se há-de vender a quem mais der a Tribuna do Altar-mor da Igreja de Ceiça, a Sacristia, ou toda ou em partes, o azulejo da Capela-mor, ou todo ou em partes; o Ladrilho de Pedra, ou todo ou em partes; as duas Escadas de Pedra, ou inteiras ou divididas, (...).* Livro de Actas da Junta de Paróquia do Paião de 1856 a 1865, fl. 23v. Por falta de compradores, nada foi vendido. Idem, fl. 34v-35 e36.

(25) Nesta acta, em resposta a um officio do Administrador do Concelho da Figueira da Foz, no qual a Junta da Paróquia é questionada sobre a legitimidade da venda do retábulo do Altar-mor, é mencionado que o referido Altar se encontra deteriorado em virtude do desabamento da varanda do terraço, que parte da abóbada por trás já caiu e que está rachada até ao primeiro arco do zimbório. Ibidem, fl. 38v.

(26) Actas da Junta de Paróquia do Paião de 1866 a 1878, fl. 33-34v.

(27) eja-se o Officio do Sr. Bispo Conde para o Governador Civil de 23 de Abril de 1874 (...) *O governo (...) concedeu à Junta da Paróquia a igreja e pertences do extinto convento de Ceiça, para serem applicadas às obras da igreja paroquial; e, em lugar de aproveitarem aquele templo magestíssimo, um dos primeiros do Bispado pela sua vastidão e obras de arte riquíssimas, desprezaram completamente os interesses da freguesia. E as Juntas, até ao presente, apenas se têm limitado a vender, por sua conta e risco, sem que tenham recebido a menor autorização, tudo o que tinha algum valor, destruindo, inclusivamente, parte das paredes da capela-mor e toda a sacristia, para venderem a pedra, cantaria e alvenaria, gastando o produto não sei em quê, pois que não se vê (...).* Documento transcrito em PRATAS, José Casaleiro, *op. cit.* 1936, p. 23.

(28) De acordo com um relatório da Academia Real das Belas Artes de Lisboa, transcrito por Mesquita de Figueiredo, Doc. 3.

(29) SOUSA, Maria Isabel Gaspar Ferreira de, *O Mosteiro de Seiça e Industria de Descasque de Arroz* (1917-1926), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, policopiado, 1991, pp. 14, 25.

(30) De acordo com o Auto de Arrematação da Igreja do Mosteiro de Seiça, *da venda é excluída uma das imagens e respectivo nicho (à escolha da Junta de parochia), que se acham no frontespicio da egreja, e bem assim todo o lageamento, que forma o pavimento.* Ver Doc. 4.

(31) SOUSA, Maria Isabel Gaspar Ferreira de, *op. cit.*, 1991, pp.10-11.

(32) SOUSA, Maria Isabel Gaspar Ferreira de, *op. cit.*, 1991, p. 14.

(33) obre este assunto, ver SOUSA, Maria Isabel Gaspar Ferreira de, *op. cit.*, 1991, pp. 12-13.

(34) Sobre este assunto veja-se, por exemplo, PAGARÁ, Ana F. Martelo, *op. cit.*, 2006.

(35) Tendo em consideração os vestígios encontrados no local e que fazem parte do espólio do Museu Municipal Santos Rocha, bem como um fragmento que se encontra no aparelho de suporte da cobertura, junto à torre norte, que terá sido reutilizado já no século XX.

### Bibliografia

CINTRÃO, Manuel da Costa, *Marinha das Ondas na História e na Lenda*, ed. da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Figueira da Foz, Julho 1988.

COCHERIL, Maur, *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*, Paris, Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 2ª edição.

GOMES, Saul António – *A Congregação Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça nos séculos XVI e XVII: elementos para o seu conhecimento*. Lusitania Sacra. Lisboa. 2ª S. 18, 2006, pp. 375-431, consultado a 10-10-2011 e disponível em: [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4559/1/LS\\_S2\\_18\\_SaulAGomes.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4559/1/LS_S2_18_SaulAGomes.pdf).

GUSMÃO, Artur Nobre de, *A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal*, Lisboa, 1956.

MADAHIL, António Gomes da Rocha, “Documentos Medievais de Seiça certificados por Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo”, Separata da *Revista Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 37-82, consultado a 10-10-2011 e disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RGesp1940\\_06.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RGesp1940_06.pdf).

MARQUES, Maria Alegria, *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª edição, Lisboa, Maio 2008.

PAGARÁ, Ana F. Martelo, “Mosteiro de Santa Maria de Seiça (Portugal): História e Arquitectura”, in AAVV, *Actas do III Congreso Internacional sobre El Cister en Galicia y en Portugal*, Tomo I, Ourense (Espanha), 2006. ISBN 978-84-930553-5-2.

PEREIRA, António J. S. Fernandes, *O mosteiro de Santa Maria de Seiça (da fundação ao séc. XIV)*, trabalho de seminário da licenciatura de História, policopiado, FLUC, 2003.

PRATAS, José Casaleiro, “Elementos para a História Eclesiástica da Freguesia do Paião”, [1927], in Separata do *Álbum Figueirense*, Tipografia Popular, Figueira da Foz, 1936.

SILVA, Eurico, *Convento de Seiça – memórias*, ed. da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Figueira da Foz, 1999.

SILVA, Eurico, *Igreja do Paião – 100 anos*, Fábrica da Igreja do Paião (Figueira da Foz), Maio de 2002.

SOUSA, Maria Isabel Gaspar Ferreira de, *O Mosteiro de Seiça e Indústria de Descasque de Arroz (1917-1926)*, trabalho de seminário em Património Industrial, FLUC, (Documento policopiado), Coimbra, 1991.

VENTURA, Leontina, FÁRIA, Ana Santiago, *Livro Santo de Santa Cruz*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.

### Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz

*Inventários dos Bens Culturais do concelho (móveis e de raiz)*

Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás

*Documentos para a História do actual concelho da Figueira, Foz do Mondego*, Livro 16 (manuscrito), de Mesquita de Figueiredo

Biblioteca Nacional de Lisboa

*Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, em "Notícia Histórica, Genealógica e corografica do Prodigioso Milagre de N. Senhora do Pranto, cita na sua ermida ao lugar do Pedrogão da freguesia da Vinha da Rainha, termo da Villa de Montemor-o-Velho, Bispado de Coimbra" (Biblioteca Nacional – Fundo Antigo, COD. 190)*

Junta de Freguesia de Paião

Livro de Actas da Junta de Paróquia do Paião 1856-1865

Livro de Actas da Junta de Paróquia do Paião 1866-1878

Auto de Arrematação de 29-12-1895

### Sitografia

[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

<http://www.igespar.pt/pt/>

Mosteiro de Santa Maria de Ceiça / Mosteiro de Seiça

[http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B2.aspx?CoHa=2\\_B1](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1)

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71634/>

Inês Pinto é assistente técnica na Câmara Municipal da Figueira da Foz desde 2001. Licenciada em Ciências da Comunicação pelo Instituto Superior de Ciências da Informação e Administração, de Aveiro, em 2010, mestranda em História da Arte, Património e Turismo Cultural na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo o Mosteiro de Santa Maria de Seiça sido dos seus temas de estudo. Actualmente encontra-se a elaborar a sua dissertação, dedicada à Casa do Paço, na Figueira da Foz.

Sílvio Gaspar é técnico de modelação em 3D de peças estéticas e estruturais, no ramo automóvel, desde 2001. O estudo em 3 dimensões (3D) realizado para este trabalho é da sua autoria bem como as imagens 5, 6, 15 a 18 e 20 a 25 aqui apresentadas.